

Stultifera Navis

Vi-o no outro dia, triunfal
balouçava as pernas no separador central
como no muro interdito
de um pomar
oferecia o sorriso benigno ao sol e ao vento
e aos cumprimentos salgados dos camionistas
habituaados, mais que todos, a sustos na estrada

nisto
sobreveio fatalmente
um manguito

deu meia volta no seu andar desarticulado
uma ruga de zanga abria também o seu caminho pela testa
gesticulava e falava alto
do café, vem um tipo pôr água na fervura

ó Zéeee, queres um cigarro?

a discussão – se a havia – morreu por ali
o Zé estaca numa incompreensão demorada
enxotando com a palma da mão
vagas vozes e memórias
que lhe naufragam insistentemente no ouvido

parou de resmungar, acendeu o sorriso

arreganha agora o pasmo branco
ao passo apressado dos que como ele
(mas nunca como ele)
se preparam para queimar a manhã no trânsito

vai longe já

aborreceu os sapatos e trá-los pela orelha
caminha talvez mais leve de meias no alcatrão
do fumo difuso de um cigarro
erguem-se nuvens como barcos
e a viagem prossegue
sem qualquer marítima
agitação

Autor: **Susana Carvalho**